

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

**PROCESSOS CRIATIVOS COM MANDALAS: UMA EXPERIÊNCIA  
ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA NO COLÉGIO ESTADUAL ANTÔNIO  
DORIGON, EM PITANGA (PR)**

*Evelize Mara Schon Czar<sup>1</sup>  
Érica Dias Gome<sup>2</sup>s*

**Resumo**

Neste artigo é apresentado o resultado da implementação de um projeto do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) no Colégio Estadual Antonio Dorigon – EFMP, na cidade de Pitanga-PR. Neste contexto, objetivou-se estudar a mandala enquanto ponto de partida para criação na disciplina de arte, procurando proporcionar formas de ampliar a capacidade criativa dos alunos, despertando um olhar sensível para o mundo, aprendendo a entendê-lo e representá-lo. Seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná – DCE’s - Arte (PARANÁ, 2008) para o ensino fundamental, as formas de relação da arte com a sociedade serão abordadas numa dimensão estendida, com ênfase na associação da arte com a cultura e da arte enquanto linguagem. A metodologia utilizada para a realização do trabalho, foi através de estudos teóricos sobre a mandala e seus possíveis significados, com produção de material didático com atividades de criação de mandalas explorando diversos materiais recicláveis. As atividades foram desenvolvidas com base teórica de Jung (2002) sobre mandalas, assim como o conceito de imaginação criadora de Vigotsky (1982). Posteriormente, houve implementação na escola, no primeiro semestre de 2017, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, com posterior análise de dados por meio de registros visuais/audiovisuais, trabalhos realizados pelos alunos e registros da observação participante. Foi possível perceber que houve avanços significativos tanto no processo criativo, quanto na participação ativa dos alunos nas aulas.

**Palavras chave:** Ensino da arte. Processos criativos. Imaginação criadora.

## **1. INTRODUÇÃO**

O desenho das mandalas tem sido considerado, em contexto educativo, um recurso relevante uma vez que tem por base o desenho geométrico e obedece a uma estrutura geométrica, e com forte simbolismo presente, ligado ao sagrado, abrindo portas à exploração desses conteúdos em contexto de sala de aula.

A criação artística é por si mesma uma prática sadia, por envolver o domínio de materiais e de sua combinação para organização que reflete ideias, sentimentos, vontades. O psicanalista e estudioso de símbolos Carl Jung (2002) tem vasto estudo sobre a importância da mandala, relacionando sua construção com condições nas quais construímos nossa experiência humana, entre o interior (pensamento, sentimento,

---

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Artística pela UNOESTE (1997). Professora de arte no Colégio Estadual Antônio Dorigon, em Pitanga (PR). Aluna no PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) 2016/2017. [evelizemsczar@hotmail.com](mailto:evelizemsczar@hotmail.com)

<sup>2</sup> Licenciada em Música pela UFRJ, Mestre em Educação pela UNICENTRO. Professora de Música no Departamento de Arte (DEART) da UNICENTRO. Orientadora pelo PDE. [ericaunicentro@gmail.com](mailto:ericaunicentro@gmail.com)

intuição e sensação) e o exterior (a natureza, o espaço e o cosmo). Ela está presente em civilizações distintas como a egípcia, grega, hindu, chinesa, islâmica, tibetana, asteca, europeia e aborígene de vários continentes, apresentando significativo papel na formação do imaginário humano.

Assim, este trabalho buscou responder a seguinte problemática: de que forma os alunos, por meio de um processo criativo com mandalas, podem ampliar seus conhecimentos artísticos e culturais? Com a implementação do projeto na escola, objetivou-se ampliar esses conhecimentos, ligados a aprendizagem de possíveis significados da mandala, ao reconhecimento de elementos formais presentes em sua construção, além de verificar uma possível contribuição para o desenvolvimento da percepção visual, da concentração e da sensibilidade dos alunos.

Para tanto, foi necessário que os alunos conhecessem os possíveis significados da mandala, identificando a forma da mandala em objetos e situações relacionadas ao cotidiano, e que também pudessem reconhecer diferentes elementos formais presentes na construção de uma mandala, desenvolvendo a percepção visual, a concentração e a sensibilidade, construindo um processo criativo com base na mandala.

A presente pesquisa foi realizada em três etapas: estudos teóricos sobre mandala, ensino da arte e criação; elaboração de material didático voltado para processo criativo com mandalas no ensino da arte; e implementação do planejamento artístico-pedagógico na escola.

## **2. MANDALAS E ENSINO DA ARTE**

### **2.1 Mandala, arte e cultura**

O desenho das mandalas tem sido considerado em contexto educativo um recurso relevante, uma vez que tem por base o desenho geométrico e obedece a uma estrutura geométrica, abrindo portas à exploração deste conteúdo em contexto de sala de aula. A prática de desenhar e pintar mandalas, como a atividade artística em geral, é por si mesma uma prática sadia que envolve a percepção, as emoções e a intenção, colaborando para a expressão humana. Essas são algumas funções do ensino da arte, ao proporcionar experiência estética por meio do fazer artístico (FUSARI; FERRAZ, 2001).

A arte é de grande relevância na educação escolar e em geral, pois tem função

indispensável na vida das pessoas desde o início das civilizações, tornando-se um fator eficaz de humanização:

Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reinterpreta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p.57).

A arte, assim, é forma simbólica disponível para o ser humano interpretar o mundo e, de acordo com Ferraz e Fusari (1999, p. 15):

Primeiramente, é a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização. O fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo. (FERRAZ; FUSARI, 1999, p.15).

Desta forma, pode-se perceber que toda arte constitui parte da cultura, e assim, o ensino de arte, enquanto uma forma de expressão humana, é também forma de conhecer melhor a própria cultura, ou também de outros contextos. O fazer artístico constitui, assim, forma importante disponível para o ser humano interpretar o mundo. Ao também abordar a questão da construção simbólica a partir da arte, Jung (2002, 2016), ressalta a importância das mandalas.

Não há certeza da origem exata da mandala, que está presente em inúmeras épocas e em culturas diversas, como arte sagrada. Segundo Jung (2011 apud HORTEGAS, 2016), as primeiras mandalas que se tem conhecimento datam do período paleolítico, na forma de rodas solares<sup>3</sup>, descobertas na região da Rodésia, na África. Jaffé (2008 apud HORTEGAS, 2016) aponta para a existência da mandala antes mesmo da roda, no período neolítico, na forma de desenhos em pedras. Mesmo com as divergências sobre sua origem, sabe-se que a mandala aparece em registros muito antigos da humanidade, em relação sempre com o sagrado.

Mandalas são símbolos presentes em diversas culturas, e em diversos tempos, podendo estar ligadas a concepções diversas, atraindo a curiosidade de pessoas por suas relações místicas, religiosas, artísticas. Jung afirma que:

A palavra sânscrita mandala significa ‘círculo’ no sentido habitual da palavra.

---

<sup>3</sup> Rodas solares são rodas que possuem uma cruz gamada, ou seja, com extremidades em ângulo reto, como na letra gama maiúscula (GAMADO, 2017). Para Jung (2016), as rodas solares estão presentes na arte não cristã, e representam a parte exterior de mandalas primitivas, sendo que o principal seria a “experiência de uma imagem arquetípica interior”.

No âmbito dos costumes religiosos e da Psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente, ou danças (JUNG, 2002, p. 385-387).

Segundo Clareto (2006), o círculo é o símbolo mais importante em termos de poder de significação, despertando interesse e fascinação no ser humano. Jung (JUNG; WILHELM, 1983, p.40) faz referência em relação ao círculo apontando que, ao mesmo tempo em que é expressão do indivíduo, o círculo também atua no mesmo, sendo representação de uma “[...] antiquíssima atuação mágica, cuja origem é o círculo de proteção, ou círculo encantado” (JUNG; WILHELM, 1983, p. 40). O círculo é desenvolvido em redor do centro, considerado a parte mais íntima e importante, símbolo ao qual Jung (2016) atribui o *self*. Para Jung:

A psique pode ser comparada a uma esfera, com uma zona brilhante [...], em sua superfície que representa a consciência. O ego é o centro dessa zona (um objeto só é consciente quando eu o conheço). O *self* é, ao mesmo tempo, o núcleo e a esfera inteira [...] (JUNG, 2016, p. 211)

Ramos (2006) aponta para algumas significações da mandala e do círculo, inclusive a partir do olhar de um xamã da tribo indígena dos Navajos (EUA), que diz: “Tudo que o poder do mundo faz é feito em círculo”, citando o sol e seu movimento, a lua, o céu, a Terra, o ninho dos pássaros, o vento em rodopio, o ciclo da vida. Para Jung, a pintura da Mandala o desenho desenvolve-se por si próprio, ou seja, as ideias fluem naturalmente, e “[...] a integração acontece dentro de mim” (JUNG, 1950, p. 69), comentando sobre sua experiência sobre o poder da construção “automática” dos desenhos, em “oposição às intenções conscientes”. Por essa associação à magia, ao sagrado, com forte caráter simbólico, pode-se dizer que trabalhar com mandalas pode ser uma forma de desenvolver simbologias, com criatividade e imaginação. Urrutigaray (2006 apud CLARETO, 2006), aponta para o poder do processo criativo com mandalas em reorganizar sentimentos, sensações e ideias, para ressignificar situações do cotidiano.

Para o psicanalista Jung (2002) o uso das mandalas permite uma busca da unidade, necessária para evolução pessoal e para a experiência espiritual.

## **2.2 Elementos composicionais da mandala**

A mandala é essencialmente uma configuração geométrica circular, constituída por formas geométricas em torno de um centro, um ponto central, com associação ao

sagrado. A forma circular, como já apresentado, exerce forte caráter simbólico, representando a totalidade. A mandala constitui, na origem, relação com a geometria sagrada.

Para se analisar os elementos estruturais da mandala, são importantes os conceitos como ordem, ritmo, complexidade organizada, sistema, totalidade, simetria, modulação, equilíbrio, dinamismo, sendo que essa estrutura das formas concretas possui relação com os processos dinâmicos do universo (RAMOS, 2006).

Ao produzir, dar formato a essas imaginações e fantasias, a pessoa está trabalhando sua imagem interior e a compreensão de seu efeito em si mesma. No interior do círculo há um ponto central, que representa a essência. Para Jung, o ponto central da Mandala mostra os caminhos a serem trilhados, assim como, o círculo é tido como a totalidade na mente humana, sendo que a quadratura do círculo:

[...] é um dos muitos motivos arquetípicos que formam os padrões básicos dos nossos sonhos e fantasias. Mas se destaca pelo fato de ser um dos mais importantes pelo ponto de vista funcional. Sem dúvida, poderia ser chamado de arquétipo da totalidade. (JUNG, 1959. p.04)

Todo o movimento da mandala parte do centro, constituindo no círculo a totalidade. Outra parte importante da mandala é o “[...] quadrado que representa o exterior e é símbolo da terra e do que é construído pelo homem” (FINCHER, 1991, p.20). De acordo com Dahlke (1991, p. 36):

É difícil dizer algo sobre a história da Mandala, porque história pressupõe tempo; a Mandala, porém, existe em essência – como a sua configuração ainda nos ensinará – além do tempo e do espaço. (...) A Mandala não se deixa ordenar no tempo; aliás, nem sequer é possível observá-la, pois sempre tende a nos atrair para o seu centro, e neste ponto central, o tempo e o espaço cessam de existir. (DAHLKE. 1991, p.36)

Jung, por suas obras apresentou suas reflexões e compreensões acerca da mandala: [...] “somente gradualmente descobri o que a mandala realmente é: ‘Formação e transformação, eterna criação da mente eterna’ [...]” (Jung, 1959, prefácio) tendo ele mesmo, pintado algumas. A descoberta de Jung em relação à mandala apresenta a chave para seu sistema como um todo.

Eu tive que abandonar a ideia de super-valorizar a posição do ego... Eu percebi que tudo, todos os caminhos que trilhei, todos os passos que dei, me trouxeram de volta a um único ponto – um ponto central. Tornou-se muito claro para mim que a Mandala é o centro. É o expoente de todos os caminhos. É o caminho para o centro, para a individuação. (Jung, 1959, p.3)

Essa riqueza simbólica torna o trabalho com mandalas uma abordagem para potencial desenvolvimento da criatividade e da imaginação. A mandala constitui uma representação dos princípios da “geometria sagrada” ou “geometria simbólica” (RAMOS, 2006), como representação de uma forma ordenada da criação. Segundo o autor, antigas civilizações utilizavam esses princípios para criação na arquitetura, desde o planejamento de cidades como construção de templos, desenhos e pinturas. A mandala aparece também nas danças sagradas circulares, em objetos, em vitrais, sendo muito comum sua presença no cotidiano até a atualidade.

Outro elemento importante na composição das mandalas é o uso das cores, que refletem representações do espaço, exercendo, segundo Fioravanti (2007), uma vibração que é fundamental para o efeito terapêutico da mandala. A percepção da cor ultrapassa o aspecto físico (luz) e fisiológico (olho), sendo fenômeno complexo que envolve também dados psicológicos, segundo Pedrosa (2009). Claretto (2006) aponta a relação entre cores e emoções, o que afetaria diretamente no caráter terapêutico. As cores na mandala expressam pensamentos, sentimentos e até sensações físicas, embora nem sempre o seu significado seja claro. Fincher (1991) defende que nem sempre os significados são compartilhados, sendo dependentes da cultura, inclusive historicamente. Segundo Pedrosa (2007), a interpretação do significado da preferência das cores em um país com diversidade cultural rica como no Brasil é muito complexa. No entanto, o autor destaca algumas características em geral para cores, com base em estudos que envolvem as diversas reações à cor. Neste sentido, pode-se apontar, por exemplo, a importância do vermelho, por remeter ao sangue e ao fogo, intimamente ligada ao princípio da vida. O amarelo tem conotações desde impaciência e espera, discórdia e morte, até riqueza, fé e eternidade. O verde é usualmente, segundo o autor, associado à esperança e ao conhecimento. Já o azul tem caráter de tranquilidade e de calma, de nobreza e, em algumas culturas, também de morte, enquanto o violeta representaria temperança e, em tons escuros, saudade, angústia, ciúme e melancolia. A cor laranja representaria a mutação, a instabilidade, a inconstância, e o marrom (ocre, terra) estaria relacionado com penitência, sofrimento, aflição e humildade. O branco, enquanto síntese das outras, estaria associado à pureza, por representar algo que não se consolidou, com expectativa de promessa. O preto, simbolicamente ligado à morte, consolida uma não cor, sendo o cinza, o equilíbrio entre esse e o branco, por isso, cor neutra, em não haveria movimento (PEDROSA, 2007).

Poderiam ser apontados também os elementos e as formas que compõem as mandalas, também fontes de riqueza simbólica. Percebe-se, assim, que o simbolismo está presente em diversos elementos e nas suas combinações.

### **2.3 O processo criativo em arte**

Após analisar as relações entre mandala, arte e cultura, a visão da importância dela para o ser humano, segundo Jung (2002, 2016), e também apontar alguns elementos que reforçam o simbolismo presentes em sua composição, analisaremos a importância do processo de criação coletivo para o ensino da arte.

O ensino da arte deve ser trabalhado como forma de desenvolvimento não só artístico, mas estético. Segundo Fusari e Ferraz (2001), a experiência estética amplia a questão artística, para além da compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico em um contexto, envolvendo também fenômenos naturais e meio ambiente. As autoras também defendem a produção artística para além da concretude, da matéria, mas também como “[...] manifestação imaginativa, cognoscitiva, logo, comunicativa e cultural de seus criadores” (FUSARI; FERRAZ, 2001, p. 57).

Refletindo sobre a questão da imaginação criadora, nos reportamos a Vigotsky (1999) que destaca outros fatores os quais também estão sujeitos a função imaginativa para melhor compreensão da Arte, apresentando três momentos nesse processo. O primeiro pondera a imaginação criadora como resultante da reformulação de experiências vividas, combinadas com outros elementos do mundo real. O segundo alia a participação do afetivo e dos elementos sociais que envolvem o indivíduo. O terceiro objetiva a criação como resultado de um processo que interfere na transformação do mundo. O ponto de vista do autor parte da premissa que a criação depende desses três momentos e cada momento desse processo ocorre de forma diferente entre crianças e adultos.

Aprender com a criatividade é constante e processual na vida do ser humano. Segundo Silva (2006), um fenômeno comum a todas as culturas é a arte. Essa expressão reflete a possibilidade de concretizar a nossa imaginação de forma que possa ser percebido ao olhar apreciador, modificando através do tempo e da cultura de uma sociedade como cita Silva (2006):

O processo de simbolização é uma capacidade humana que requer abstração e

capacidade para transformar uma coisa em outra. Para criar é preciso ter ideias e descobrir como coloca-las em funcionamento. É preciso estar engajado em um processo de formação de conceitos dos quais estes são abstraídos ou criados, ou seja, transformados em realizações formais. (SILVA, 2006, p. 42)

Assim sendo podemos entender que a arte como simbolização tem o poder de transformar a realidade diante de diversos caminhos, e um desses se faz no processo de criação que deve ser vivenciado no início da vida escolar, transcorrendo a imaginação criadora presente na linguagem artística. Wechsler (2002) comenta sobre a criatividade:

Nas definições mais antigas sobre criatividade encontramos o termo latino *creare*= fazer, e o termo grego *krainen*= realizar. Essas duas definições demonstram a constante preocupação com o que se faz e com o que se sente, ou seja, como pensar, produzir e realizar criativamente. (WECHSLER, 2002, p. 26)

A criatividade pode ser reconhecida e analisada na observação do produto criativo, como uma obra de arte. Teoria, crítica e história da arte situam e desenvolvem parâmetros do que é considerado criativo e inovador nas artes conforme a época em que vivemos, são norteadores para a legitimação da arte. Na visão de Torrance, conforme ressalta Wechsler (2002), o processo criativo acontece em etapas: criatividade é tornar-se sensível às falhas ou deficiências de informação, formular hipóteses a respeito, testá-las e comunicar os resultados encontrados. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Arte:

[...] apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido (...) e alegrar-se com descobertas. [...] (BRASIL, 1997, p.35)

Desta forma, percebe-se a importância de um ensino da arte que trabalhe com produção artística, para possibilitar a concretização dessa compreensão estética dos alunos.

### **3. IMPLEMENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO BASEADO EM PROCESSOS CRIATIVOS COM MANDALAS**

Na segunda etapa, foi desenvolvido um material didático, “Desenvolvendo a criatividade através da construção de mandala nas aulas de arte”, elaborado em forma de

unidade didática, com atividades de criação de mandalas explorando diversos materiais recicláveis. As atividades foram desenvolvidas levando em consideração a base teórica de Jung (2002, 2016) sobre mandalas, assim como o conceito de imaginação criadora de Vigotsky (1982).

A implementação foi realizada através de um planejamento pedagógico em artes, caracterizando-se como pesquisa participante, entre fevereiro a junho de 2017, em um grupo de 15 alunos, com idades entre 11 e 13 anos, de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, durante o contra turno, do Colégio Estadual Antônio Dorigon, no município de Pitanga, no Paraná.

Como professora da escola há 21 anos, onde trabalhei com ensino fundamental e médio, foi escolhido a turma pela necessidade de trabalhar concentração dos alunos do 7º ano, bem como, despertar a capacidade criativa e também o interesse pelos trabalhos artísticos e diferentes culturas. A avaliação da aprendizagem foi diagnóstica e contínua durante o desenvolvimento das atividades pelos alunos no decorrer das aulas. Ao final do planejamento didático foram avaliados os trabalhos construídos com o objetivo de identificar a evolução da aprendizagem dos alunos mediante a intervenção pedagógica implementada.

A implementação do projeto foi desenvolvida em etapas, as quais foram registradas através de fotos ilustrando os trabalhos confeccionados pelos alunos. Pode-se perceber que os alunos gostaram muito das atividades, despertando o interesse de outros alunos que participaram do grupo durante o desenvolvimento do trabalho.

Para que a execução da implementação fosse efetiva foi traçado algumas estratégias. Primeiramente foi realizada uma reunião com a direção e com a equipe pedagógica da escola para explanação do Projeto de Intervenção Pedagógica, os quais consideraram relevante a proposta, visto que as atividades propostas eram dinâmicas e atrativas. Posteriormente, foi explanado o conteúdo do projeto para os alunos que participaram do projeto, bem como, contextualização do tema mandala, desenvolvendo atividades relacionadas a conteúdos do cotidiano dos alunos, o que está de acordo com as DCE's, da disciplina de Arte, do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008), e em conformidade com o material didático. Nessa etapa pode-se perceber que os alunos não conheciam a história da mandala, bem como, seu significado.

Nas primeiras aulas foi apresentada a história da mandala de acordo com a teoria de Jung (2002, 2016), seguida da visualização de várias imagens de mandalas. Os alunos puderam perceber que em grandes monumentos como a catedral de Brasília,

podemos encontrar referências de mandalas. Em seguida foi proposta aos alunos uma conversa informal sobre as formas que podemos perceber nas mandalas, como na lua, sol, frutas. Nesse momento, houve muitos questionamentos pelos alunos, os quais demonstraram curiosidade em constatar onde pode-se perceber a mandala.

Posteriormente, no laboratório de informática, os alunos tiveram contato a estrutura básica de uma mandala, seus significados e formas, bem como, criaram algumas mandalas em uma brincadeira de cores e formas, por meio da interação com um Painel em *Flash*, denominado “Monta Mandala”, disponível em site que aborda o tema<sup>4</sup>. O painel permite a combinação de cores e formas disponíveis, com ferramentas que despertam a criatividade para criá-la. Os alunos adoraram criar suas próprias mandalas *online*, de forma divertida, pois observaram que além de cores, números e outros símbolos, pode-se constatar que a mandala pode apresentar diferentes características.

Nas próximas aulas, eles foram divididos em grupos para que fotografassem no colégio imagens que remetessem a uma imagem de mandala, conforme Figuras 1 e 2, onde os alunos puderam perceber a forma circular na fachada da escola, e também nas mesas e bancos.

**Figura 1** – Fachada escola



**Fonte:** do autor

---

<sup>4</sup> O site é “Oficina da Alma”, proposta por Josana Camilo, astróloga e taróloga. Disponível em: <http://www.oficinadaalma.com.br/mandalas/montamandala/index.htm>. Acesso em: fev/2017

**Figura 2** – Pátio da escola



**Fonte** – do autor

Para finalização da implementação, foi realizada a produção de mandalas utilizando DVDs e CDs, conforme orientações disponíveis no material didático desenvolvido<sup>5</sup>. Foi registrado o trabalho desenvolvido em etapas, através de fotos, como pode-se observar nas Figuras 3 e 4.

**Figura 3** – Criação de mandala pelo aluno



**Fonte:** do Autor

Percebe-se, na mandala apresentada na Figura 3, o uso das cores primárias, e uso da simetria, formando uma flor, em contraposição à mandala apresentada na Figura 4,

---

<sup>5</sup> “Desenvolvendo a criatividade através da construção de mandala nas aulas de arte” é o título do material didático, em capítulo a ser publicado no site <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=616>.

que faz uso da assimetria, tanto na disposição da figura como de suas partes, e acrescenta a cor dourada. As formas utilizadas apresentam também diferenças entre si, não sendo exatamente iguais, entre raios (com borda ondulada) e espirais.

**Figura 4** – Criação de mandala



Fonte: do Autor

A participação dos alunos foi excelente, despertando o interesse de outros alunos para entrar no grupo durante o desenvolvimento do trabalho. Ao final, pediram que o projeto tivesse continuidade no próximo ano. Alguns alunos tidos usualmente como indisciplinados demonstraram interesse, auxiliando de maneira significativa no comportamento em sala de aula. Observa-se (Figura 5) a predominância da simetria nas formas utilizadas. A Figura 6 apresenta fase de decoração com materiais diversos.

**Figura 5** – Mandalas confeccionadas pelos alunos



Fonte: do Autor

**Figura 6** – Mandalas confeccionadas



**Fonte:** do Autor

Após as orientações, os debates, e a produção das mandalas, exposição foi realizada juntamente com o festival de música e dança do colégio, a qual foi aberta a toda comunidade, conforme Figuras 7 e 8.

**Figura 7** – Exposição das Mandalas



**Fonte:** do Autor

**Figura 8** – Exposição Mandalas



**Fonte:** do Autor

Após a exposição, cada aluno levou sua mandala confeccionada, como recordação e gratificação pela participação das aulas. A finalização das atividades foi gratificante, pois todos os alunos participaram efetivamente das atividades no decorrer das aulas, bem como, na produção das Mandalas, podendo-se verificar que os objetivos principais foram concretizados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscou-se no desenvolvimento desse trabalho, estudar a mandala enquanto ponto de partida para criação na disciplina de arte, procurando proporcionar formas de ampliar a capacidade criativa dos alunos, despertando um olhar sensível para o mundo, aprendendo a entendê-lo e representá-lo.

Seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares Estadual do Paraná -Arte (PARANÁ, 2008) para o ensino fundamental, as formas de relação da arte com a sociedade foram abordadas numa dimensão estendida, com ênfase na associação da arte com a cultura e da arte enquanto linguagem. Tendo em vista que o ensino da mandala

deve adotar a dimensão de aprofundamento das linguagens artísticas, para distinguir simbolização e elementos formais presentes dessa representação cultural, e também que uma das finalidades do ensino de arte é a formação estética, nas atividades realizadas, buscou-se refinamento da percepção e da sensibilidade, por meio da criatividade, da autonomia na produção e fruição da arte.

Pode-se perceber que no decorrer da implementação os alunos identificaram a forma da mandala em objetos e situações relacionadas ao cotidiano, reconhecendo diferentes elementos formais presentes na construção da mesma, e também desenvolveram de forma significativa a percepção visual, a concentração e a sensibilidade, construindo dessa forma um processo criativo com base na mandala.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**—Brasília, 1997.

CLARETO, Vania Maria. **Trilhando caminhos de transformação: arteterapia e mandala**. 2008. 58f. Monografia (Especialização em Arteterapia). Aracaju: FIZO, Faculdade Integração Zona Oeste, 2008.

DAHLKE, Rudiger. **Mandalas: formas que representam a harmonia do cosmos e a energia divina**. São Paulo: Pensamento, 1991.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

FINCHER, Suzanne. **O Autoconhecimento Através das Mandalas**. São Paulo: Pensamento, 1991.

FIORAVANTI, Celina. **Mandalas. Como Usar a Energia dos Desenhos Sagrados**. São Paulo: Pensamento, 2007.

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloisa Correa de Toledo. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GAMADO. In: "chave". **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2013 Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/gamada>. Acesso em 20 nov 2017.

HORTEGAS, Mônica Giraldo. **O si-mesmo, Deus e a anima mundi: a importância da psicologia da mandala na obra de Carl Gustav Jung**. 2016. 155 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciência da Religião). UFJF, Juiz de Fora – MG, 2016.

JUNG, C.G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**. Tradução Dora Ferreira da Silva, Maria Luíza Appy. Petrópolis: Vozes, 1983.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016.

Jung, Carl Gustav – **Mandala symbolism**, Pricetown University Press, Princeton 1959.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Arte para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio**. Curitiba: SEED, 2008

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 10 ed. Rio de Janeiro: SENAC, 2009.

RAMOS, Fernando da Silva. **Forma e arquétipo: um estudo sobre a mandala**. 2006, 292 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Campinas: UNICAMP, 2006.

SILVA, Angela Carrancho da. (org.). **Escola com arte: multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

URRUTIGARAY, M. Cristina. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes 1999.

WECHSLER, S.M. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas, São Paulo: Livro Pleno. 2002.

WINTHER, M.; ZATYRKO, F. **Mandala**. A Arte do Conhecimento. São Paulo: Pensamento, 1997. Publicação Periódica.